

Revista da Secção de EDUCAÇÃO FÍSICA

Nº1

1999

Formação de professores

Análise do processo de ensino Avaliação

SEMINÁRIO - Teoria da Educação Física

Desenvolvimento motor

Estilos de vida saudáveis

Necessidades educativas

especiais

Gerontomotricidade

Necessidades espaciais na vida diária da criança

João Serrano*
Bruno Gomes**
Gabriel Macchi**
Pedro Lopes**

RESUMO

As necessidades espaciais da criança são de uma vital importância a nível do seu desenvolvimento psíquico, social e motor.

Para a realização deste estudo foram entrevistadas 100 crianças de forma directa pelos investigadores com idades de doze anos e residentes no meio urbano de Castelo Branco.

O espaço envolvente à criança é determinante na progressão normal destes níveis. Um espaço atractivo, uma distribuição correcta do bairro, da habitação e ainda do quarto da criança é preponderante para ela obter um desenvolvimento desejável.

O estudo deste artigo está focalizado nas necessidades espaciais da criança. Daí a importância deste estudo, suscitar justificada reflexão de todos quantos se encontram ligados à planificação e programação de espaços.

A principal conclusão que podemos retirar relativamente a este estudo é que a maioria das crianças está bastante satisfeita face ao seu espaço envolvente, quer dentro, quer fora de casa, pois estes espaços oferecem-lhes condições para o desenvolvimento de padrões de vida saudável.

1-INTRODUÇÃO

O espaço, como qualquer aspecto da realidade, é investido de sentido pelas sociedades humanas: desde o espaço projectado pelo homem, arquitectónico e urbano, até ao espaço natural. Este é um elemento autónomo, determinado e determinante para uma situação social objectiva.

O espaço não é mais do que uma determinação exterior ao feito social. A transformação do espaço implica correlações estreitas entre fenómenos culturais extintos.

O jogo e a actividade física na criança é um problema essencial das sociedades contemporâneas ou pós-industriais, nas quais o uso do espaço e equipamentos para o jogo e tempo livre deve ser reconsiderado de acordo com as mudanças e razões da mobilidade da população dos meios urbanos, aldeias ou vilas. Nos anos 60, por exemplo, Portugal apresentava uma percentagem

de população rural com cerca de 70%; trinta anos mais tarde, nós temos mais de 75% da população vivendo em cidades com mais de 10.000 habitantes. (Neto, 1979)

O tema aponta para as mudanças sociais e os estilos de vida num desenvolvimento da criança, pois logo que esta nasce, entra imediatamente em comunicação com o espaço que a envolve.

Segundo Roldão (1997, pág.27), a necessidade de estudar o meio prende-se com a "necessidade de consciencializar a criança acerca da realidade em que vive, preparando-a para compreender e intervir nessa realidade. Corresponde também, à necessidade de levar a criança a adquirir o sentido da relação homem/meio e, a compreender as suas implicações nas vivências sociais, económicas e culturais dos indivíduos e das sociedades."

*Professor adjunto do Departamento de Educação Física e Artística da Escola Superior de Educação de Castelo Branco

** Alunos finalistas do curso de Professores do Ensino Básico da variante de Educação Física da Escola Superior de Educação de Castelo Branco

Desta forma, vamos procurar conhecer as necessidades e as expectativas que as crianças têm acerca do seu meio envolvente.

2-ESPAÇO URBANO EXTERIOR

Toda a colectividade humana se projecta numa parcela do espaço terrestre que, sob formas diferentes servem de bases às suas actividades. Esta parcela de espaço contém de facto uma estratificação de espaços qualificados conforme a natureza das suas relações com as actividades e formas de existência dos grupos considerados.

Segundo George, (1969), o espaço urbano é um espaço complexo. Possui características comuns, mas fragmenta-se em espaços funcionais, cada um tendo a sua própria significação do ponto de vista do impacto das estruturas sociais, e em espaços residenciais. O espaço funcional é o quadro de exercício da profissão, da sociologia do trabalho. O espaço residencial é a base da vida individual e familiar.

O homem desde sempre se acomodou aos espaços e os edificou para se proteger e dominar. Neste espaço edificado e habitado ele marca o carácter das suas necessidades, a qualidade das coisas e a sua grandeza que quer ver conservadas, segundo o tempo das suas vivências, das suas crenças e das suas ideologias. (Pimentel, 1985)

2.1- A CIDADE E A CRIANÇA

As grandes alterações, que acontecem em cada dia numa cidade, acabam por alterar a atitude comportamental do homem que tem de se adaptar às constantes mudanças aí verificadas. As crianças e os próprios adultos têm dificuldades para aí encontrarem espaço e outras condições que lhe permitem realizar actividades

relacionadas com os seus próprios interesses. (Serrano, 1996)

Segundo Sarmiento (1989), o espaço que nos serve de habitat, é algo que faz parte de nós próprios, pois é através do espaço/envolvimento e das vivências nele desenvolvidas, que se processam os estímulos que promovem o enriquecimento da nossa identidade pessoal.

Para Serrano (1996, pág.48), "caminhar, correr e brincar com os amigos" são actividades fundamentais para a criança, que estão cada vez mais limitadas, facto este que se deve mais à falta de condições oferecidas pelo meio envolvente, do que ao interesse manifestado pelas próprias crianças. O autor afirma ainda que "a falta de espaços livres motivada por uma série de factores que afecta as cidades do nosso tempo, provoca um atrofiamento nas possibilidades de expansão espacial da criança."

A cidade permite à criança a interpretação das descobertas ao nível psíquico e social tendo em conta as sensações de acções e de experiências, no domínio dos sentimentos e dos seus valores que lhes são exigidos pelo meio. (Chombart de Lauwe & Fenerhahn, S. D.)

Há autores que defendem que a cidade oferece à criança motivos de estímulos vários, como afirma Santos (1988, pág.37), ao dizer que "o movimento das ruas, a cor, o ruído, a luz, a diversidade de formas e volumes, a música, as montras, etc..., são também aspectos positivos que a cidade pode proporcionar."

Apesar do referido, a cidade de hoje possui também certas desvantagens que se sobrepõem às vantagens.

A criança reclama espaço e reivindica liberdade de acção motora. O aglomerado cria as chamadas "angústias do risco do perigo" para a criança, tendo em conta que ela necessita de se expandir do ponto de vista motor (Neto, 1979, pág.35).

Segundo Serrano (1996), a criança na cidade, precisa de espaço/tempo na presença de outros para confrontar as significações do acontecido e poder elaborar de forma mais enriquecedora a sua própria experiência; precisa também de um espaço de reconhecimento como espaço de interacção, tão importante no seu processo de individualização, estimulando também a criação de linguagens e apoiando a construção da sua identidade.

2.2- O BAIRRO E A CRIANÇA

Segundo Santos (1985, pág.48) pode-se definir o bairro como sendo o lugar carismático da espontaneidade, de conhecimento do que está explorado e sem imprevisto, território do face a face e do controlo social, em que nos deslocamos sem esforço, sem projectos programados, sem longas perdas de tempo.

As características físicas que determinam os bairros são continuidades temáticas, que pode consistir em variantes de componentes inumeradas: textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de edifícios, costumes, actividades, habitantes, estado de conservação, topografia.

Para Lynch (1959, pág.57 a 59), o bairro é considerado como um elemento da cidade, é neste espaço que as crianças se desenvolvem e passam grande parte do seu tempo. Assim e através das várias actividades que elas desenvolvem, com ou sem companhia, faz com que as suas capacidades (físicas, psíquicas e de sociabilidade) progridam.

Para este desenvolvimento ter o máximo de sucesso, é necessário que este espaço (bairro) tenha condições para que tanto crianças como eventuais adultos possam expandir-se nos vários níveis.

3- O ESPAÇO URBANO INTERIOR

“O espaço habitacional, como espaço social é inteligível quando abordado pluridisciplinarmente. Se existem ciências que têm dado um contributo inestimável à construção habitacional, como a engenharia, a arquitectura, etc; outras porém, como as ciências sociais e humanas, raras vezes são chamadas a intervir no planeamento e nas decisões das equipas de construção. (Feio, 1985, pág.5).”

Segundo o mesmo autor, na organização e produção do espaço, o nível social das famílias é bastante determinante, pois no que respeita ao espaço habitacional produz-se um fenómeno semelhante a outros tipos de espaço como, espaços de trabalho, de lazer e desportivos. Existe uma tendência dos grupos mais modestos em adaptar um tipo de vida mais colectiva. Os problemas das mobilidades sociais constituem um ponto delicado do planeamento urbano e da organização do espaço habitacional, nomeadamente do espaço familiar e conjugal.

Os apartamentos das cidades tornaram-se tão exíguos que a necessidade de brincar da criança deixou de constituir o problema privado de uma família para ser transformada num problema colectivo. (Dora & Domer, 1975).

3.1- A CASA E A CRIANÇA

Lopes (1992), afirma que apesar do espaço da habitação e do espaço envolvente mais próximo serem a primeira dimensão de espaço para a criança, e aqueles onde ela interage com mais frequência, o meio onde a habitação se situa tem de igual modo, uma importância fundamental.

O espaço para a criança deve ser escolhido em função das suas necessidades, ela deve criar o seu ambiente pois está em sua casa, toma gosto por ela e muitas vezes tem prazer em sentar-se no seu próprio canto.

Se pensarmos na casa, na relação como ela ao longo do nosso percurso vivido, verificamos que lhe imprimimos a nossa marca, e que ao mesmo tempo somos marcados, modelados por ela. Logo, ela representa mais do que um espaço físico, é o espaço onde existe uma verdadeira relação com a vida, com o mundo e com os outros.

3.2- O QUARTO DA CRIANÇA

Para a criança, o quarto representa uma conquista, mas é importante não esquecer que este é parte integrante do espaço da casa e não um mundo à parte. A criança deve poder circular por toda a casa. Não se deve estabelecer distinção entre a «casa» dos pais e da criança. Ela tanto se interessa por um objecto da mãe como pelo escritório do pai, onde este mergulha em misteriosas actividades; e por um velho móvel de família cujo enfeites lhe excitam a imaginação e a fazem mergulhar no passado, em busca dos avós, que são os seus progenitores e que a ajudam a situar-se. (Dora & Dómer, 1975, pág.67-68) Por vezes, é mais importante a qualidade do espaço reservado à criança do que a dimensão desse mesmo espaço. É claro que esta tem necessidade de movimento e sente-se apertada em espaços limitados, mas isto pode compensar-se com uma organização inteligente criada em colaboração com a própria criança. “Talvez ela tenha uma palavra a dizer sobre o assunto...”(Dora & Dómer, 1975).

4- APRESENTAÇÃO DE ALGUNS ESTUDOS SOBRE O ESPAÇO

Nos últimos anos alguns autores, têm estudado a problemática do espaço, assim, vamos apresentar alguns desses estudos e principais conclusões.

Neto (1994), estudou o “Tempo e Espaço de Jogo para a Criança: Rotinas

e Mudanças Sociais” concluindo que as rotinas de vida das crianças portuguesas (tempo, espaço e actividades de jogo) dependem em muito da sua idade, estatuto social e parental.

Ochaíta e Espinoza (1997) estudaram o “Conhecimento Espacial e a Estruturação do Espaço” concluindo que a estrutura d espaço mantém complexas ligações com outros factores. Por conseguinte, devido a este facto quanto mais um sujeito conhecer o espaço melhor será a sua movimentação no meio.

Os mesmos autores ainda se debruçaram sobre o estudo do “Desenvolvimento do Conhecimento Espacial num Espaço Urbano Conhecido” concluindo desta forma que o nível da aprendizagem e a idade determinam claras diferenças no conhecimento espacial, considerando ainda que o tipo de espaço não se revela como uma variável importante.

Costa (1995) estudou o “Recreio- O Espaço por Conhecer” tendo concluindo que este é fundamental para o desenvolvimento da personalidade infantil não recebendo a atenção adequada.

Del Nord (1992) estudou “Espaços Projectados para a Criança num Contexto Urbano” onde conclui que para que as crianças tenham um bom espaço onde possam desenvolver as suas actividades deve haver mais consciência e colaboração por parte dos cidadãos. Desta forma produzindo intervenções para a recuperação ou melhoramento de espaços positivos para as crianças

Romero (1992) estudou os “Espaços Destinados à Primeira Infância num Contexto Urbano” concluindo que os espaços utilizados pelas crianças (geralmente na rua) sofreram mudanças sociais. A autora propõe-nos a criação de equipas interdisciplinares de importante intervenção para um novo modelo de vida urbano.

Cabaço (1995) estudou “Os Espaços de Disputa e Lazer” concluindo que existe uma relação directa entre o espaço e o comportamento da criança, ou seja, o espaço onde a criança costuma desenvolver as suas actividades vai condicionar não só o seu comportamento individual como também o seu comportamento em sociedade.

A apresentação e discussão dos resultados vai ser desenvolvida de forma a responder a algumas dúvidas apresentadas anteriormente. Assim vamos procurar saber as necessidades espaciais apresentadas pelas crianças no seu dia-a-dia.

O estudo é um estudo descritivo com análise percentual.

5- OBJECTIVOS DO ESTUDO

O objectivo do estudo é procurar saber a satisfação da criança face ao seu espaço habitado.

Assim, procuramos saber a satisfação da criança na relação com o seu espaço interior (Quarto e Casa) e espaço exterior (Bairro e Cidade).

6- METODOLOGIA

A amostra desta investigação foi constituída por 100 crianças de ambos os sexos (50 masculino, 50 feminino). A recolha de dados foi feita através da aplicação directa de uma entrevista a crianças de 12 anos de idade, as quais habitam no meio urbano (cidade de Castelo Branco). A entrevista aplicada foi gravada em áudio para posterior análise. A aplicação das entrevistas foi efectuada pelos próprios investigadores, sendo entrevistada uma criança de cada vez. Esta recolha decorreu na Escola E. B. 2,3 Afonso de Paiva durante o mês de Abril de 1999.

As crianças foram entrevistadas durante o horário das aulas de Educação Física. Todas elas são habitantes do meio urbano da cidade de Castelo Branco.

7- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A criança e o seu quarto

Dimensões do quarto

Maior	47%
Igual	47%
Menor	6%

Quadro 1- Dimensões do quarto

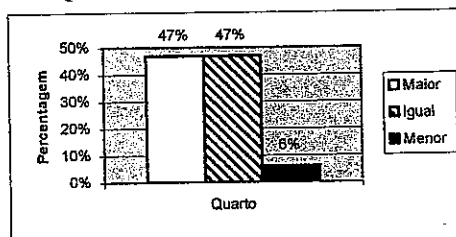


Gráfico 1- Dimensões do quarto

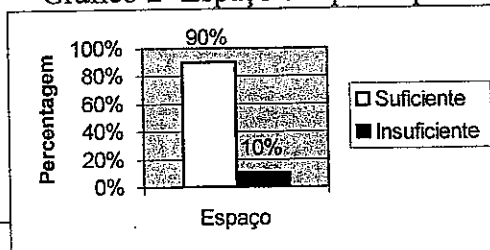
Como podemos verificar pelo quadro e gráfico 1, a mesma percentagem de crianças (47%) responderam que gostariam de ter um quarto maior e igual. Por outro lado só 6% desta preferia ter o quarto de menores dimensões.

Espaço do quarto para as actividades da criança

Suficiente	90%
Insuficiente	10%

Quadro 2- Espaço do quarto para as actividades da criança

Gráfico 2- Espaço do quarto para as



Como podemos observar pelo quadro e gráfico 2, a maioria das crianças da amostra (90%) está satisfeito com o espaço que possui no seu quarto, enquanto uma minoria (10%) gostaria que o seu quarto tivesse mais espaço para desenvolver as suas actividades, pois considera-o insuficiente.

Actividades que não pode fazer no quarto por falta de espaço

Nenhuma	54%
Desporto	21%
Jogar certos jogos	18%
Estudar	7%

Quadro 3- Actividades não realizáveis no quarto por falta de espaço

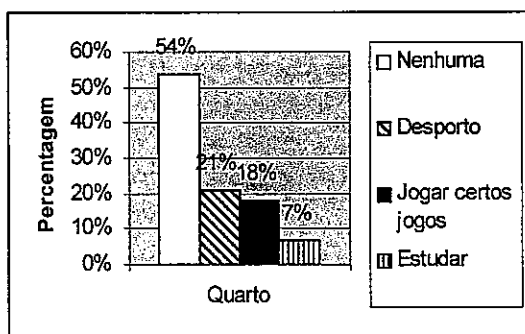
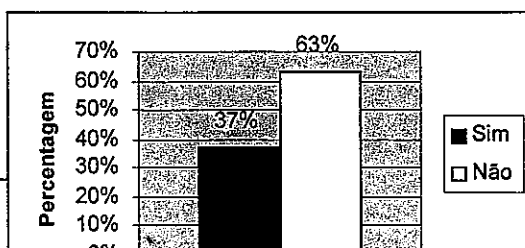


Gráfico 3- Actividades não realizáveis no quarto por falta de espaço

Como podemos observar pelo quadro e gráfico 3, mais de metade das crianças da amostra (54%) consegue desenvolver as suas actividades no seu quarto. Uma outra parte da amostra (21%, 18%, 7%) gostariam de efectuar certas actividades no seu quarto (desporto, jogar certos jogos e estudar respectivamente) e não podem por falta de espaço.

Alteração da distribuição do quarto para melhoria do espaço

Sim	37%
Não	63%



Quadro 4- Alteração da distribuição do quarto para melhoria do espaço

Gráfico 4- Alteração da distribuição do quarto para melhoria do espaço

Como podemos observar no quadro e gráfico 4, a maior percentagem de crianças da amostra (63%) não alteraria nada em relação à distribuição do seu quarto para desta forma obter mais espaço, por outro lado 37% das crianças gostaria de ver alterada a distribuição do seu quarto, obtendo assim mais espaço para desenvolver as suas actividades.

O que retirava do quarto para melhorar o espaço de actividades

Nada	33%
Brinquedos	17%
Móveis	50%

Quadro 5- O que retirava do quarto para melhorar o espaço de actividades

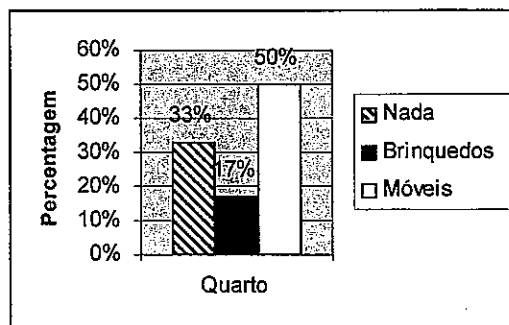


Gráfico 5- O que retirava do quarto para melhorar o espaço de actividades

Como podemos observar no quadro e gráfico 5, metade das crianças da amostra (50%) optava por tirar móveis para desta forma obter mais espaço no seu quarto. 33% não retiravam nada e 17% retiravam brinquedos.

A criança e o sua casa

Dimensões da casa

Maior	60%
-------	-----

Igual	40%
-------	-----

Quadro 6- Dimensões da casa

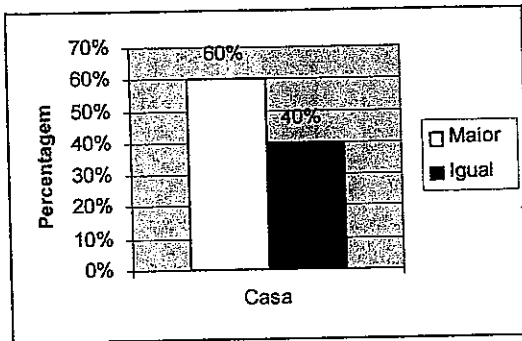


Gráfico 6- Dimensões da casa

Em relação ao tamanho da casa a maioria das crianças da amostra (60%) gostariam de ter uma casa maior, enquanto as restantes 40% estão satisfeitas com o espaço da casa que possuem.

O espaço da casa para as actividades da criança

Suficiente	94%
Insuficiente	6%

Quadro 7- O espaço da casa para as actividades da criança

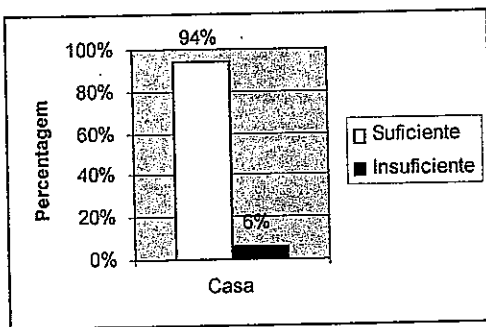


Gráfico 7- O espaço da casa para as actividades da criança

Como se pode observar no quadro e gráfico 7, a grande maioria das crianças da amostra está satisfeita com o espaço que dispõe para desenvolver as suas actividades, só uma minoria (6%) acha não ter espaço suficiente na sua casa para o desenvolvimento das actividades.

Liberdade de acção da criança em todas as divisões da casa

Sim	53%
Não	47%

Quadro 8- Liberdade de acção da criança em todas as divisões da casa

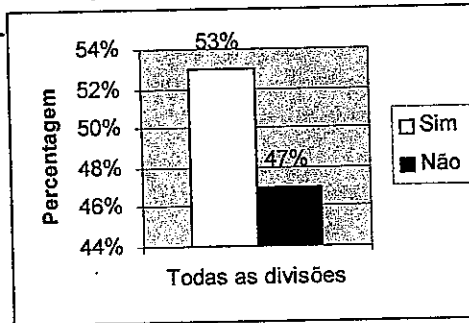


Gráfico 8- Liberdade de acção da criança em todas as divisões da casa

Em relação à liberdade de acção da criança e apoiando-nos no quadro e gráfico 8, podemos verificar que a maior percentagem de crianças (53%) refere poder brincar e desenvolver as suas actividades em todas as divisões da sua casa. No entanto as que têm restrições são ainda uma percentagem bastante elevada (47%).

Nota: A principal razão pela qual as crianças não podem brincar à vontade em todas as divisões da casa, é por receio de partirem alguma coisa.

Não utilização de brinquedos por falta de espaço em casa

Sim	14%
Não	86%

Quadro 9- Não utilização de brinquedos por falta de espaço em casa

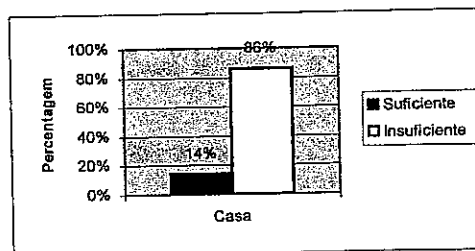


Gráfico 9- Não utilização de brinquedos por falta de espaço em casa

O quadro e gráfico 9 mostra-nos que a maioria das crianças da amostra (86%) diz não ter problemas de espaço em sua casa que possa restringir as utilizações de brinquedos. Enquanto as restantes 14% diz ter problemas em termos espaciais que são restritivos na utilização de alguns brinquedos.

Alterações em casa para a melhoria do espaço

Nada	64%
Divisões	23%
Móveis	13%

Quadro 10- Alterações em casa para a melhoria do espaço

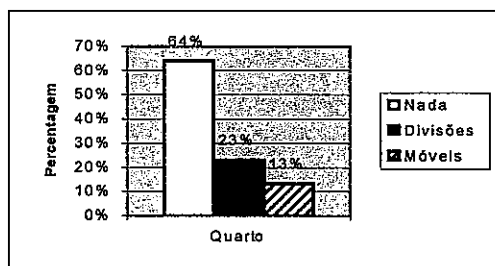


Gráfico 10- Alterações em casa para a melhoria do espaço

Como podemos ver no quadro e gráfico 10, a maioria das crianças da amostra (64%) optava por não alterar nada o que quer dizer que está satisfeita com o espaço disponível na sua casa. Em contrapartida 23% das crianças da amostra mudaria o lugar de algumas divisões da casa e 13% mudaria alguns móveis.

A criança e o seu bairro

Satisfação das crianças em relação ao seu bairro

Satisfeito	97%
Insatisfeito	3%

Quadro 11- Satisfação das crianças em relação ao seu bairro

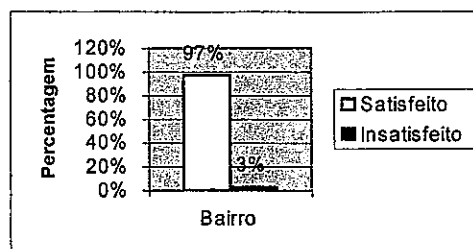


Gráfico 11- Satisfação das crianças em relação ao seu bairro

Tal como o quadro e gráfico 11 demonstram, a maioria das crianças da amostra (97%) estão satisfeitas com o local onde moram. Mostrando-se as restantes 3% insatisfeitas.

Satisfação das crianças em relação ao espaço no seu bairro

Satisfeito	93%
Insatisfeito	7%

Quadro 12- Satisfação das crianças em relação ao espaço no seu bairro

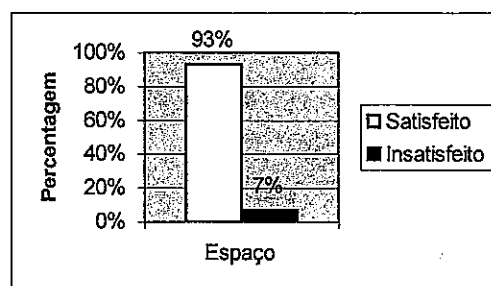


Gráfico 12- Satisfação das crianças em relação ao espaço no seu bairro

Como podemos verificar no quadro e gráfico 12, quase totalidade das crianças da amostra (93%) estão satisfeitas com o espaço disponível no seu bairro para o desenvolvimento das suas actividades. Apenas 7% demonstra alguma insatisfação.

Actividades que gostariam de desenvolver no bairro e não podem por falta de espaço

Nenhuma	66%
Desporto	34%

Quadro 13- Actividades que gostariam de desenvolver no bairro e não podem por falta de espaço

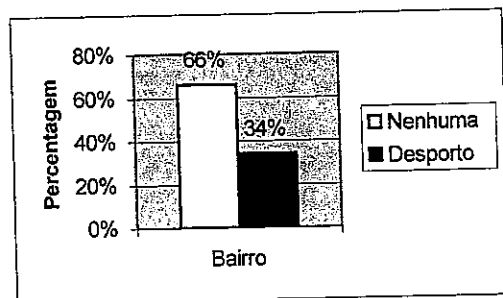


Gráfico 13- Actividades que gostariam de desenvolver no bairro e não podem por falta de espaço

Como podemos ver no quadro e gráfico 13, mais de metade das crianças da amostra (66%) diz ter espaço suficiente para desenvolver qualquer actividade, ou seja não têm nenhuma restrição em termos de espaço para praticarem as suas actividades. 34% refere que o seu bairro não tem espaço para a prática de alguns desportos.

A criança e os espaços que mais gosta

Todos	4%
Nenhum	2%
Espaços verdes	21%
Parque de jogos	7%
Campo de futebol	7%
Pátio	53%
Casa	6%

Quadro 14- A criança e os espaços que mais gosta

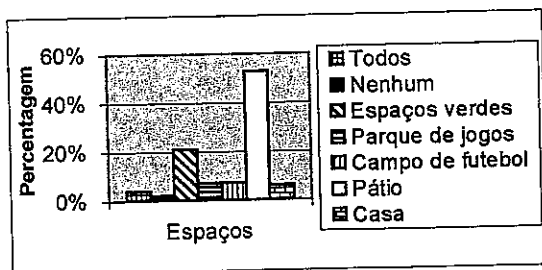


Gráfico 14- A criança e os espaços que mais gosta

Como podemos verificar no quadro e gráfico 14, os espaços que a maior percentagem de crianças diz preferir são: o pátio (53%) e os espaços verdes (21%). Com menor percentagem são referidas pelo campo de futebol (7%), o parque de jogos (7%) e a própria casa (6%). Curiosamente há uma percentagem de crianças que diz gostar de todos os espaços do bairro (4%) e uma pequena percentagem que diz não gostar de nenhum espaço.

Não utilização de brinquedos por falta de espaço no bairro

Sim	7%
Não	93%

Quadro 15- Não utilização de brinquedos por falta de espaço no bairro

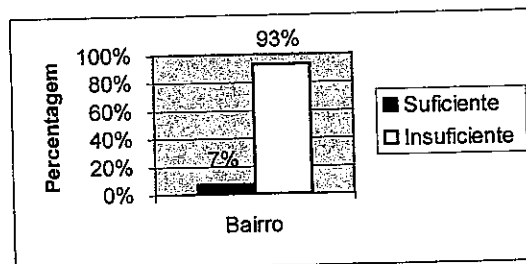


Gráfico 15- Não utilização de brinquedos por falta de espaço no bairro

O quadro e o gráfico 15 mostram-nos que a maioria das crianças da amostra (93%) não tem problemas de espaço no seu bairro para aí poder desenvolver as suas actividades com qualquer brinquedo desejável. 7% das crianças da amostra referem que o espaço do bairro restringe a utilização de alguns brinquedos.

Alterações no bairro para a melhoria do espaço

Nenhumas	60%
Trânsito	9%
Prédios	6%
Parque de estacionamento	7%
Casas velhas	11%
Parque	7%

Quadro 16- Alterações no bairro para a melhoria do espaço

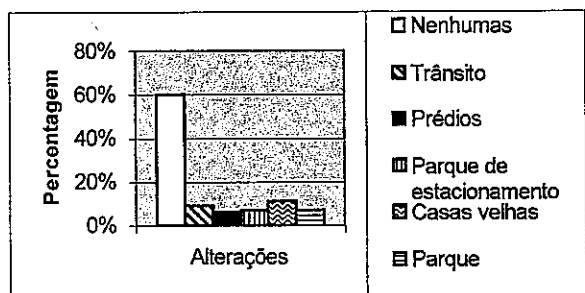


Gráfico 16- Alterações no bairro para a melhoria do espaço

O quadro e gráfico 16 mostram-nos que mais de metade das crianças da amostra (60%) está satisfeita com o espaço de que dispõe no seu bairro, por isso não alterava nada. Quanto às crianças insatisfeitas com o espaço do seu bairro, dizem que retiravam casas velhas (11%), trânsito (9%), parque de estacionamento (7%) e prédios (6%). Curiosamente 7% das crianças referem que retirariam o parque de jogos.

O que gostava de ter no bairro

Nada	29%
Zonas verdes	33%
Campo de jogos	26%
Restaurante	6%
P. de estacionamento	6%

Quadro 17- O que gostava de ter no bairro

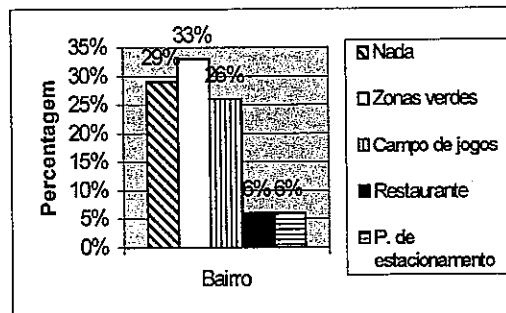


Gráfico 17- O que gostava de ter no bairro

Através do quadro e gráfico 17 podemos verificar que o que as crianças gostavam de ter no seu bairro são zonas verdes (33%), campo de jogos (26%), restaurante (6%) e parque de estacionamento (6%). Por outro lado 29% das crianças referem que estão satisfeitas com os espaços do bairro e por isso não faziam qualquer alteração.

A criança e a sua cidade

Satisfação da criança em relação ao seu espaço

Satisfeito	83%
Insatisfeito	17%

Quadro 18- Satisfação da criança em relação ao seu espaço

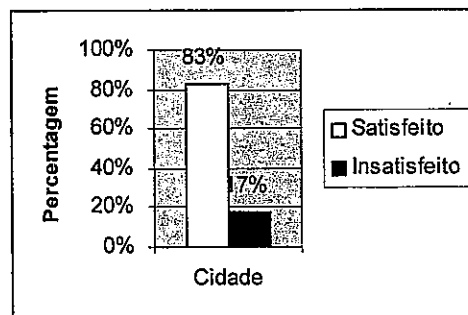


Gráfico 18- Satisfação da criança em relação ao seu espaço

Como podemos ver no quadro e gráfico 18, a maior parte das crianças da amostra (83%) acha que a cidade tem espaços atractivos para as crianças, enquanto que 17% refere que a cidade tem falta de espaços atractivos para as crianças.

A criança e os espaços que mais gosta na cidade

Nenhum	7%
Espaços verdes	46%
Parque de jogos	23%
Meu bairro	11%
Castelo	3%
Escola	1%
Campo de futebol	2%
Todos	7%

Quadro 19- A criança e os espaços que mais gosta na cidade

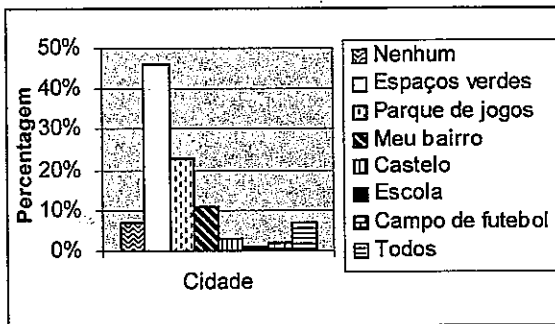


Gráfico 19- A criança e os espaços que mais gosta na cidade

Como podemos verificar no quadro e gráfico 19, os espaços que obtêm maior preferência por parte das crianças na sua cidade são: os espaços verdes (46%) e o parque de jogos (23%) e o seu próprio bairro (11%). São ainda apresentados alguns espaços preferidos, embora com pequena percentagem tais como: o castelo (3%), o campo de futebol (2%) e a escola (1%). Curiosamente 7% das crianças refere que gosta de todos os espaços e a mesma percentagem refere não gostar de nenhum.

Alterações na cidade para a melhoria do espaço

Nenhuma	63%
Prédios	6%
Parque de estacionamento	4%

Casas velhas	11%
Semáforos	3%
Gimnodesportivo	7%
Hospital	3%
Parque	3%

Quadro 20- Alterações na cidade para a melhoria do espaço

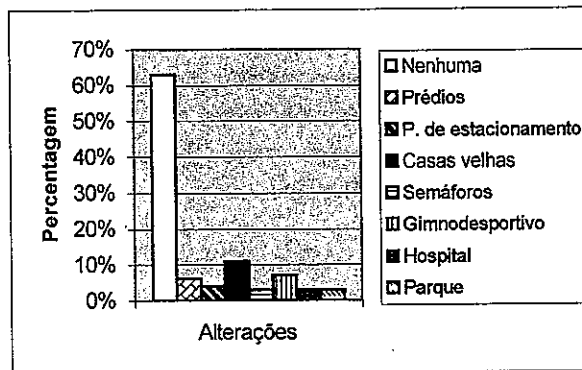


Gráfico 20- Alterações na cidade para a melhoria do espaço

Como podemos ver no quadro e gráfico 20, a maioria das crianças da amostra (63%) optava por não alterar nada na sua cidade. Mas, e com percentagens mais baixas são apontadas algumas alterações, assim, 11% das crianças alterava casas velhas, 7% o gimnodesportivo, 6% os prédios, 4% parques de estacionamento e com 3% aparece o parque, o hospital e os semáforos.

8- CONCLUSÕES

CONCLUSÕES PARCIAIS

Pela análise dos resultados podemos tirar as seguintes conclusões:

- 1- No que diz respeito ao quarto a maior percentagem de crianças que fizeram parte do estudo, sendo satisfeita com o seu quarto e com o espaço que aí encontra para a realização das suas actividades, pois refere que mesmo podendo, não faria alterações para melhorar o espaço visto que pode fazer aí todas as suas actividades. Apesar da

constatação anterior há ainda uma percentagem elevada de crianças que gostaria de ter um quarto com maiores dimensões, porque o que tem, é limitativo relativamente a algumas actividades (desportos, certos jogos e estudar). Por outro lado quando foi perguntado às crianças o que retiravam do seu quarto para aumentar o espaço do mesmo, elas optavam por retirar algum móvel ou brinquedos menos utilizados.

- 2- Quanto à casa a maioria das crianças do estudo dizem estar satisfeitas relativamente ao espaço disponível que esta lhes oferece para lá desenvolverem as suas actividades, no entanto a maior percentagem refere que mesmo assim gostaria de ter uma casa com maiores dimensões. Quanto à liberdade de brincar ou desenvolver outras actividades, a maior percentagem de crianças diz não poder fazê-lo em todas as divisões da casa, sendo apontada como principal razão o facto de poder partir ou estragar algum objecto de valor.
- 3- Relativamente ao bairro, a maioria das crianças diz gostar do seu bairro e do espaço que este lhes proporciona para desenvolverem aí as suas actividades, apenas apresentando restrições ao nível da prática de alguns desportos, por isso não fariam alterações. Quanto aos espaços que as crianças dizem gostar mais no seu bairro são: o pátio, os espaços verdes, o parque de jogos, o campo de futebol e a sua casa. Quando se perguntou às crianças o que gostariam de lá ter para além do que já existe, elas referiram mais zonas verdes, campo de jogos,

restaurante e parque de estacionamento.

- 4- Quanto à cidade a maioria das crianças considera que esta tem espaços atractivos para elas, sendo os que mais gosta os espaços verdes, parque de jogos, o seu bairro, o castelo e a escola. Sobre as alterações de espaços na cidade a maioria diz que não faria nenhuma alteração pois gosta dela tal como é.

CONCLUSÃO FINAL

Atendendo ao objectivo do estudo que foi saber a satisfação da criança relativamente ao seu espaço habitado, podemos concluir que:

A maioria das crianças está bastante satisfeita face ao seu espaço envolvente, quer dentro, quer fora de casa, pois estes espaços oferecem-lhes condições para o desenvolvimento de padrões de vida saudável.

9- BIBLIOGRAFIA

- AMERIGO, Y Aragones J. (1988), "Satisfacción Residencial en un Barrio Remodelado". Revista de Psicología Social.
- CHOMBART DE LAUWE, M.; FEUERHAHN, N. (S.D.) "La Représentation Sociale". Collection Sociologie d'aujourd'hui, Presses Universitaires de France, pag. 340,341 e 347.
- CABAÇO, J. (1995) "Os Espaços de Disputa e Lazer" Revista Horizonte Nº 40
- COSTA, A. (1995) "Recreio- O Espaço por Conhecer?" Revista Horizonte Nº 38
- DEL NORD, R. (1992) "Espacios Projectados para Niños en el Contexto Urbano" Seminário Europeu, Madrid.
- DORA J.; Domer, A. (1975) "A Criança e o Meio Ambiente". Europa América págs. 67 a 75.
- FEIO, N. (1985) "Habitação e Desenvolvimento Humano". Revista Ludens, Vol. 9, nº3, I.S.E.F.- U.T.L., p. 5 e 8.
- GARCIA, J. Y ARSE. (1996) "Evaluación de la calidad ambiental urbana". Revista Psicología Social.

- GEORGE, P. (1969) "Sociologia e Geografia". Companhia Editora Forense, Rio de Janeiro – São Paulo, p. 29
- LYNCH, K. (1959), "A Imagem da Cidade – Arte e Comunicação". Edições 70, Lisboa, págs. 11, 57 a 59, 78 a 81.
- LOPES, V. (1992) "Desenvolvimento Motor – Indicadores Bioculturais e somáticos do Rendimento Motor em Crianças de 5/6 anos". Monografia de Mestrado, Não Publicado, F.M.H. – U.T.L.
- NETO, C. (1979) "A Criança, o Espaço e Desenvolvimento Motor". Revista Ludens, vol. 3, nº 2/3, Janeiro/Junho, I.S.E.F. – U.T.L., p. 35.
- NETO, C. (1994) "A Família e a Institucionalização dos Tempos Livres." Revista Ludens, 14,1,5-10.
- OCAHAÍTA e Espinoza, (1997) "Conhecimento Espacial e Estruturação do Espaço". Revista de Psicologia Social, 1997, (12) 1, 3-16.
- PIMENTEL, C. (1985) "Espaço e seu significado no desenvolvimento da criança segundo H. Wallon". Revista Ludens, vol. 9, nº 3, Abril/Junho, I.S.E.F. – U.T.L., p. 39.
- ROLDÃO, M. (1997) "O estudo do meio do 1º ciclo – Fundamentos e Estratégias". Coleção "Educação Hoje", Texto Editora, p.27.
- ROMERO, R. (1992) "Espacios Destinados a la Primera Infancia en el Contexto Urbano", Seminário Europeu, Madrid.
- SANTOS, C. (1985) "Contributo para a Compreensão do Espaço Social". Revista Ludens, vol. 9, nº3, Abril/Junho, I.S.E.F. – U.T.L., p.48.
- SANTOS, R. (1988) "A Cidade, Espaço Lúdico". Cadernos de Educação de Infância, nº 8, p. 37.
- SARMENTO, P. (1989) "Espaço e Actividades Motoras". Cadernos de Educação de Infância, nº 9, p. 21.
- SERRANO, J. (1996) "Envolvimento Social e Desenvolvimento da Criança – Estudo de Rotinas de Vida Diária das Crianças com Idades Compreendidas entre os 7 e 10 anos nos Meios Rurais e Urbanos". Monografia de Mestrado, Não Publicado, F.M.H. – U.T.L.